



GT 021. Antropologia e tecnociência: teorias, métodos e perspectivas

Fabiola Rohden (UFRGS) - Coordenador/a, Marko Synésio Alves Monteiro (UNICAMP) - Coordenador/a, Jane Araújo Russo (IMS-UERJ) - Debatedor/a, Fabrício Monteiro Neves (Universidade de Brasília) - Debatedor/a, Guilherme José da Silva e Sá (Departamento de Antropologia - UnB) - Debatedor/a)

O objetivo deste GT ? promover a discuss?o sobre as interfaces entre ci?ncia, tecnologia, sociedade e poder, a partir da produ??o antropol?gica contempor?nea. Dessa forma, busca ampliar o espa?o de discuss?o do campo da Antropologia da Ci?ncia e da Tecnologia, tanto no sentido de consolidar debates em andamento quanto na inten??o de refletir sobre as perspectivas dessas investiga?es para o futuro. Temas como biossocialidades, biomedicaliza??o, pr?ticas de produ??o de conhecimento em laborat?rios e as interfaces entre conhecimentos cient?ficos e n?o cient?ficos t?m sido muito investigados em anos recentes. Ao lado desses temas, quest?es como as rela?es entre humanos-n?o humanos (dentro e fora de institui?es cient?ficas), redes de produ??o de ci?ncia e tecnologia e as intera?es entre "n?s" e cosmologias n?o ocidentais v?m dando cada vez mais densidade ? reflex?o antropol?gica. Ao lado da renova??o dos temas de pesquisa, antrop?logos/as envolvidos com a tecnoci?ncia v?m tamb?m ajudando a reconstruir teorias. Seja na cr?tica da Teoria Ator-Rede, ou no efervescente campo dos Estudos Sociais da Ci?ncia e da Tecnologia, temas como associa?es, performactivity e pol?ticas ontol?gicas v?m ganhando terreno na an?lise social, com forte participa??o de antrop?logos/as e do m?todo etnogr?fico. O GT buscar? reunir trabalhos que ajudem a construir uma reflex?o sobre o papel que a Antropologia vem tendo nesse cen?rio de reflex?es.

A testosterona faz mal? Reflex?es antropol?gicas sobre o uso masculino de um horm?nio.

Autoria: Lucas Tramontano

Esse work parte de minha tese de doutorado, cujo objetivo foi discutir as m?ltiplas vidas da mol?cula testosterona em diferentes corpos masculinos, atrav?s de relatos de hist?ria de vida de homens cis e trans, de diferentes idades, ra?as/cores e orienta?es sexuais. O presente recorte trata de uma preocupa?o frequentemente levantada acerca do uso do horm?nio: a testosterona faz mal? Na tentativa de responder a essa pergunta, e inspirado pelo ensaio de Peter Fry e S?rgio Carrara sobre a origem da homossexualidade, construí um quadro com as principais posi?es sobre a pol?mica decis?o de usar uma subst?ncia qu?mica para instaurar uma modifica?o corporal. Ao que tudo indica, tomar ou n?o testosterona ? balizado por decis?es mais morais que sanit?rias, e surgem justificativas que poder?amos classificar como progressistas e conservadoras, tanto a favor como contr?rias ao uso. Do lado favor?vel, temos a ind?ustria farmac?utica, numa perspectiva de maximiza?o de lucros e expans?o do biocapital; e um discurso mais p?s-estruturalista e ativista, que busca autonomia atrav?s de usos n?o legitimados (e muitas vezes ilegais) do horm?nio, notadamente numa l?gica de recusa ao binarismo de g?nero. Do lado oposto, criticando o uso (desde que n?o associado a um diagn?stico), est? o discurso oficial da medicina, fatalista e estereotipado, que mal esconde certo corporativismo e reserva de mercado; e, fechando o quadro, emerge um discurso comum no campo de estudos da medicaliza?o e em parcela da milit?ncia feminista, que v? no uso de horm?nios um dom?nio excessivo da biomedicina sobre os corpos, baseado tamb?m numa discuss?o de autonomia. Entre todos esses discursos, estavam meus interlocutores, que se valem dessas diferentes posi?es em diferentes contextos: justificar a pr?pria escolha, indicar ou n?o a subst?ncia para outro homem, ou para explicar



complicações oriundas do uso da testosterona (no outro). Assim, foi possível refletir acerca das complexas relações de poder que envolvem o uso do hormônio em diferentes contextos interseccionais, que confundem dicotomias frequentemente associadas ao uso de medicamentos para fins de aprimoramento, como natural/artificial, legal/ilegal, e, principalmente, controle/autonomia. Em última instância, a própria pergunta ? testosterona faz mal? ? faz pouco sentido, e suas respostas mais comuns tendem a um achatamento irreal (e contrariado pelos dados empíricos) da polissemia que envolve a testosterona. Por fim, cabe ressaltar que, ainda que tal quadro seja pensado no caso específico da testosterona, a proposta desse work é justamente refletir sobre sua expansão e aplicabilidade para o uso de medicamentos de forma mais ampla, ao menos para aqueles que afetam questões culturalmente associadas ao gênero e/ou à sexualidade.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

